

Os desafios de uma biblioteca universitária: do depósito ao acervo histórico

Heloísa Helena Pimenta Rocha¹

Resumo:

O artigo põe em discussão alguns dos desafios impostos pelo exercício de gestão acadêmica de uma biblioteca universitária. As análises ensaiadas partem das inquietações e dos modos como se foram construindo possibilidades de responder a tais desafios, as quais se pautaram em um conjunto de indagações acerca do lugar do livro e da biblioteca nos projetos de formação de educadores, assumidos pela instituição, em suas mais de quatro décadas de atividade. O artigo está dividido em cinco movimentos, que procuram dar conta das reflexões sobre as formas de constituição do acervo e sobre o papel da comissão de biblioteca na definição das políticas que orientam as aquisições e, especialmente, as operações de descarte.

Palavras-chave: biblioteca universitária; livros; formação de professores; políticas de acervo.

¹ Professora Livre-Docente na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2001) com pós-doutorado pela Universidad de Buenos Aires(2008).

The challenges of a university library: from storeroom to historical collection

Heloísa Helena Pimenta Rocha

Abstract:

This paper discusses some of the challenges imposed by the academic management of a university library. The analysis derives from our apprehensions and from the means used to create possible solutions for the challenges that we had to face. These possibilities were based on inquiries about the importance of books and libraries in the projects of teaching formation in the institution over its four decades of activity. The paper is organized in five sections, in an attempt to cope with all of the inquiries about the constitution of the collection and about the role played by the library committee in the definition of policies to guide the acquisition and, specially, the ruling out of materials.

Keywords: university library; books; teacher education; archive policies.

1 Introdução

Este artigo representa um exercício de reflexão sobre alguns dos desafios enfrentados por uma professora universitária no exercício de coordenação da comissão encarregada pela gestão acadêmica da biblioteca da instituição onde atua – a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – entre os anos de 2012 e 2016. Constituída por professores indicados pelos seus respectivos departamentos, diretor da biblioteca (um bibliotecário) e representantes discentes (de graduação e pós-graduação), e presidida pelo coordenador (escolhido entre os docentes da Faculdade), a comissão assume, entre as suas funções: estabelecer a política de constituição do acervo e o perfil das coleções; propor ações voltadas para a organização, a preservação, a ampliação e a atualização dos acervos bibliográficos; formular propostas de aplicação dos recursos financeiros; elaborar regulamentos e normas para o funcionamento da biblioteca (REGIMENTO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO, s/d). As análises aqui ensaiadas partem das inquietações e dos modos como se foram construindo possibilidades de pensar a atuação nesse cargo e se pautaram em um conjunto de indagações acerca do lugar do livro e da biblioteca nos projetos de formação de educadores assumidos pela Faculdade, em suas mais de quatro décadas de atividade. O artigo está dividido em cinco movimentos, que procuram dar conta das inquietações sobre as formas de constituição do acervo e sobre o papel da comissão na definição das políticas que orientam as aquisições e, especialmente, as operações de descarte.

2 Primeiro movimento: um lugar (não-lugar?) e um tempo

As reflexões que se tecem neste artigo se iniciam em um lugar: o antigo depósito da biblioteca da Faculdade. Situado no terceiro e último piso, ocupando boa parte de uma das alas do edifício hexagonal, separado das coleções, em um ambiente demarcado por divisórias, invariavelmente fechado a chave, acessado, vez por outra, pelos funcionários em suas atividades de acomodação de novos títulos, o depósito se impôs como um dos desafios a serem enfrentados pela coordenação da comissão. Um desafio que foi ganhando visibilidade à medida que ecoavam as indagações vindas dos bibliotecários sobre o que fazer com os livros que não circulam mais; indagações acompanhadas das repetidas demandas de baixa patrimonial, tendo em vista ampliar os espaços de guarda de novos títulos.

Que lugar era aquele? Um lugar de guarda? Um quarto de despejo? Um lugar para viver o tempo de espera? Um porto de passagem? Um não-lugar? O que guardava? Que tesouros escondia debaixo de sete chaves? As incursões naquele lugar confuso, onde pareciam se misturar diferentes camadas do tempo de constituição do acervo da biblioteca, associadas a distintos e, quiçá, concorrentes projetos de formação, remetiam às inquietações do poeta Carlos Drummond de Andrade, em sua “Procura da poesia”:

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo. (ANDRADE, 2000, p. 14).

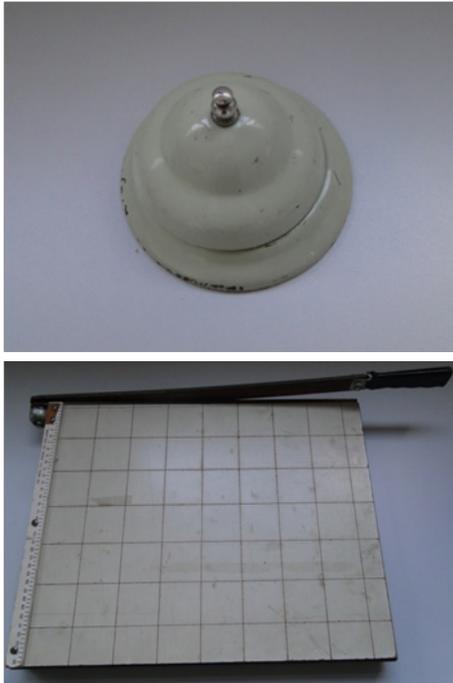
Como as palavras que, com suas mil faces secretas, interrogam o poeta, os livros, com os discursos de que são portadores e com os projetos de que são porta-vozes, misturados aos outros objetos ali guardados, impunham-se e exigiam resposta: *trouxeste a chave?* Armazenados naquele lugar fechado, refugiavam-se livros produzidos em diferentes momentos – alguns deles com grande número de exemplares – adquiridos pela Faculdade em tempos distintos, disputando espaço com livros que exigiam restauro, publicações periódicas, obras de referência, livros didáticos. Tudo isso acondicionado em estantes, convivendo com caixas de papelão em que se depositavam documentos da Coleção Especial Maurício Tragtenberg, reconhecido professor da Faculdade, falecido no final da década de 1990, além de móveis e objetos já sem uso, alguns deles quebrados, outros ainda íntegros, mas já sem lugar nos novos ritmos de trabalho da biblioteca, como a guilhotina de papel ou a velha campainha que, em tempos idos, servira para convocar os bibliotecários para o balcão de atendimento.

Sobre os livros mais antigos com grande número de exemplares, retirados das prateleiras do acervo corrente para dar lugar às novas certezas da ciência pedagógica, repousavam, e ainda repousam, os olhares inquietos dos bibliotecários que, vez ou outra, cruzavam a fronteira entre a voz autorizada da ciência, expressa no conhecimento atualizado, e aquela que ficara para trás. Recolhidos no depósito, os numerosos exemplares de títulos publicados entre o final da década de 1960 e a década de 1970, das áreas de Psicologia, Administração, Didática, Filosofia, Sociologia e História da Educação, viviam o tempo da espera. Entre eles, estão as obras de Jean Piaget *A formação do símbolo na criança* (1975), *A gênese do número na criança* (1975), *O desenvolvimento das quantidades físicas na criança* (1975); *Como se realiza a aprendizagem*, de Robert Gagné (1971; 1974; 1975); *A análise do comportamento*, de James G. Holland (1969); *Testes em educação*, de Heraldo Vianna (1976); *Análise comparativa de organizações complexas*, de Amitai Etzioni (1974); *Manual de planejamento de ensino*, de Leslie Briggs (1976); *Nova didática*, de Alaíde Lisboa de Oliveira (1978); *Didática para a escola de 1º e 2º graus*, de Amélia Domingues de Castro (1976); *Antropologia filosófica*, de Ernst Cassirer (1972); *Antropologia*

metafísica, de Julián Marías (1971); *Sociedade: uma introdução à sociologia*, de Ely Chinoy (1975); *Sociologia da educação: uma introdução*, de Ivor Morrish (1973; 1975); *Princípios de sociologia*, de Fernando de Azevedo (1973); *Educação brasileira contemporânea: organização e funcionamento*, de Walther Garcia (1976; 1978); *Educação e sociedade na Primeira República*, de Jorge Nagle (1974); *História da educação moderna*, de Frederick Eby (1976); *História da educação na Antiguidade*, de Henri Irene Marrou (1975); *História da pedagogia*, de René Hubert (1976); *Introdução ao estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho (1978); e vários outros.

Qual resposta pobre ou terrível poderia a comissão da biblioteca dar à insistente pergunta lançada por aquelas obras, refugiadas na noite, ainda úmidas e impregnadas de sono ou, quiçá, de vida? O mergulho no “rio difícil” em que rolavam livros, papéis, caixas fechadas e objetos já sem uso no cotidiano da biblioteca é o que ocupa as reflexões de uma professora, respondendo pela coordenação dessa comissão, ensaiadas neste artigo.

Figura 1 – Em meio aos objetos em desuso...



Fonte: Arquivo da Comissão de Biblioteca (Gestão 2012-2016).

Figura 2 – ... habitavam os livros



Fonte: Arquivo da Comissão de Biblioteca (Gestão 2012-2016).

3 Segundo movimento: do tempo da espera para o centro das comemorações

As comemorações de 40 anos da Faculdade de Educação, em 2012, apresentaram-se como um momento privilegiado para pôr em cena os livros armazenados no depósito, sobre os quais pairava o decreto de “obsolescência” e de “desatualização”, que os condenava a esperar ali o tempo da partida. Em colaboração com outros setores da Faculdade e da Universidade², propusemos a exposição *Biblioteca, Memória e Formação*, que se articulou em torno de duas questões centrais: o que os livros acumulados ao longo dos anos, na biblioteca de uma faculdade de educação que completava seus 40 anos, poderiam nos ensinar? Que indícios poderiam oferecer dos projetos de formação de educadores, desenvolvidos nos cursos de graduação e de pós-graduação? Importava-nos, particularmente, olhar para esse acervo que ia se constituindo nos bastidores da biblioteca, procurando detectar informações sobre os projetos de formação que responderam pela sua aquisição e, numa outra dimensão, sobre o silenciamento que era imposto a alguns títulos algumas décadas depois.

As pesquisas para a composição da exposição, que inseria a biblioteca no ritmo festivo dos 40 anos, conduziram ao Arquivo Central da Universidade, onde pudemos

² Mais especificamente, o Centro de Memória da Educação e o Arquivo Central da UNICAMP.

localizar alguns dos primeiros processos de aquisição de livros para a Faculdade de Educação. O processo mais antigo localizado naquela primeira incursão, aberto em julho de 1974, acabou por nos levar de volta ao depósito da biblioteca, de onde saíram os exemplares que ocuparam as vitrines. Composto de solicitação do então diretor da Faculdade Marconi Freire Montezuma, ordens de despesa e orçamentos, o processo de número 3447/1974 refere-se à aquisição de 51 exemplares da obra *Antropologia filosófica*, de Ernst Cassirer, e da mesma quantidade de exemplares da *Antropologia metafísica*, de Julián Marías. Por meio de ofício encaminhado ao diretor de material, Roberto Siqueira de Castro, em 19 de junho de 1974, o diretor da Faculdade solicitava urgência na tramitação do processo. Urgência que se justificava, segundo informava, “pela necessidade da utilização desse material a partir de 1º de agosto” nos cursos de Pedagogia e de pós-graduação.

Consultada, a diretoria técnica da Biblioteca Central informava não possuir os livros e recomendava a compra do número de exemplares solicitados, já que eram “destinados aos alunos como textos adotados”, sugerindo a aquisição imediata, com dispensa de licitação. O processo foi encaminhado, então, para a Diretoria Geral de Administração (DGA), que consultou as editoras Mestre Jou e Duas Cidades, responsáveis pela publicação das obras, além de livrarias de São Paulo e uma livraria de Campinas; em seguida, abriu uma chamada pública para a apresentação de propostas, em conformidade com os trâmites utilizados na administração pública naquele momento. O prazo para a apresentação dos orçamentos, segundo o edital publicado no jornal *Novos Mercados*, encerrava em 29 de julho, muito provavelmente às vésperas do início das aulas do segundo semestre. Entre as livrarias e editoras convidadas para a concorrência, nem todas possuíam os dois títulos. Uma delas, a Paulino Martin, possuía o livro de Cassirer para pronta entrega, mas só dispunha da obra de Julián Marías em espanhol, para entrega em um prazo de 90 a 120 dias. Diante disso, o parecer do secretário da Faculdade de Educação, Francisco Alcilone Aragão, emitido em 12 de agosto, autoriza a compra das obras de dois fornecedores distintos, considerando os menores preços apresentados. Assim, *Antropologia Metafísica* seria adquirido de Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda., e *Antropologia Filosófica*, de Paulino Martin.

A urgência do pedido atravessa a documentação, sendo reiterada por meio de termos como o “imediatamente” (sublinhado) com que o chefe da DGA, Francisco Eugenio de Rocco, fecha a sua correspondência de 26 de agosto, dirigida a um dos fornecedores: “caso haja algum impasse com referência a esta entrega, solicitamos-lhe nos comunicar, **imediatamente**, tal fato, a fim de que possamos tomar as devidas providências” (PROCESSO nº 3447/1974, fl. nº 20). Em que pesem as recomendações, uma correspondência dirigida a Paulino Martin, em 13 de setembro, permite flagrar os contratemplos: a remessa dos exemplares da obra de Cassirer, cujo prazo de entrega expirara no dia 5 daquele mês, não havia sido entregue. O chefe da DGA encerrava a sua correspondência com os seguintes termos:

Caso haja algum problema, remeter-nos carta, a fim de tomarmos as devidas providências. Na expectativa da remessa urgente das mercadorias ou de uma resposta de Vv. Sa., subscrevemo-nos. (PROCESSO nº 3447/1974, fl. nº 39).

Mais de um mês depois, em 22 de outubro, correspondência nos mesmos termos foi enviada ao fornecedor, que ainda não entregara os livros. Em sua resposta, Martin solicitava o pagamento dos 1.463 cruzeiros pela venda dos 51 exemplares do livro de Cassirer, indicando um desencontro na entrega da mercadoria. Segundo informava o fornecedor, os livros haviam sido entregues em São Paulo a uma funcionária da Universidade, não identificada, para serem encaminhados à biblioteca onde, conforme afirmava o fornecedor, “deverão estar”. Sem registros da data em que os livros de Cassirer e Julián Marías chegam à Faculdade de Educação, as providências para o pagamento de Martin são encaminhadas em novembro, o que indica que os livros adquiridos em sua livraria foram efetivamente recebidos e localizados. Finalizada a compra, o processo foi enviado para arquivamento em dezembro de 1974.

O primeiro processo de compra de livros para a Faculdade de Educação, localizado nessa incursão inicial, dava conta da aquisição de dois títulos disponibilizados para os professores e estudantes, provavelmente, a partir do primeiro semestre de 1975, acompanhado de vários dos volumes das duas obras que, conforme registrava a bibliotecária, eram “textos adotados” para uso dos alunos; mais tarde, repousavam no depósito da biblioteca e compuseram as vitrines da exposição montada para o evento comemorativo de 40 anos. Pedidos de compra, ofícios, protocolos, levantamento de preços, normas para fornecimento, notas de empenho, notas fiscais, solicitações que demarcavam a urgência da compra de dois livros que serviriam aos fazeres cotidianos da formação de educadores, em um semestre letivo que avançava paralelamente às idas e vindas das rotinas administrativas da Universidade, reuniram-se, nas vitrines do evento, com os numerosos exemplares das obras *Antropologia filosófica*, de Ernst Cassirer, e *Antropologia metafísica*, de Julián Marías. Uma pequena nota de aula, encontrada no interior de um dos volumes, completou o material exposto. Retiradas do silêncio do depósito, as duas obras foram interrogadas sobre a sua produção, sua tradução, os autores, a compra e os vínculos entre esses aspectos e a formação dos profissionais da educação.

O exame dessas obras para a composição da exposição ofereceu algumas pistas sobre os movimentos de constituição do acervo da biblioteca da nascente Faculdade de Educação, permitindo refletir sobre os projetos de formação de educadores que se instituíam naquele momento. A obra *Antropologia metafísica: a estrutura empírica da vida humana*, do filósofo espanhol Julián Marías (1914-2005), teve sua primeira edição em português publicada em 1971, pela Livraria Duas Cidades, casa editorial pertencente à Ordem Dominicana, com sede em São Paulo, cujo catálogo incluía títulos de Teologia, Sociologia e Ciências Humanas. O livro foi traduzido por Diva

Ribeiro de Toledo Piza, responsável pela tradução de outras obras do autor, entre elas: *A estrutura social: teoria e método* (1955), com apresentação de Gilberto Freyre; *Introdução à Filosofia* (1960); *O tema do homem* (1975); *A felicidade humana* (1989). *Antropologia metafísica*, que teve sua versão original publicada em Madri, em 1970, pelas Ediciones de la Revista de Occidente S. A., sendo laureada com o prêmio literário Juan Palomo, em 1971, foi adquirida pela Faculdade de Educação em 1974, três anos após o lançamento da sua tradução para o português.

Como assinalou uma das docentes que participava da curadoria da exposição, profa. Ana Maria Almeida³, em seu comentário sobre a obra de Cassirer, a *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* foi publicada em 1972 por Felipe Mestre Jou, livreiro catalão radicado em São Paulo que, desde a década de 1960, havia iniciado um negócio de tradução e de edição de livros acadêmicos, movido pelo propósito de abastecer o mercado universitário brasileiro em expansão. A tradução foi feita pelo médico paulistano Vicente Felix de Queiroz, com revisão de Yara Schramm. Sobre o autor, Ana Almeida assinala que ele escreveu *Essay on man: an introduction to a Philosophy of Culture*, na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, ponto final da rota que compartilhou com vários intelectuais alemães, principalmente judeus como ele, em fuga da ascensão do nazismo na Alemanha.

Um estudo sobre essas obras que possibilite articular as dimensões da constituição do acervo da biblioteca da Faculdade de Educação e os projetos de formação de educadores em diferentes momentos poderia remeter aos programas das disciplinas, aos trabalhos dos estudantes, às notas de aula, à produção dos professores. Talvez nesses documentos, alguns deles reunidos pelo Arquivo Setorial da FE, possamos encontrar pistas para compreender o destino que vai sendo anunciado hoje para uma grande parte dos 51 exemplares de duas obras que movimentaram as rotinas da administração da Universidade, no segundo semestre de 1974, e a vida acadêmica da Faculdade de Educação, nos anos seguintes. O acervo armazenado no depósito – constituído por numerosos exemplares de títulos publicados, predominantemente, na década de 1970 – permite identificar uma das feições dessa biblioteca e oferece indícios sobre os modelos de formação então praticados na Faculdade de Educação. Ao mesmo tempo, instiga a indagar sobre os deslocamentos em relação a esses modelos, impulsionando, a seguir, as diferentes fases de constituição do acervo, em paralelo com as distintas orientações assumidas na formação dos educadores. O grande número de exemplares de um conjunto delimitado de obras que ocuparam as estantes da biblioteca da Faculdade de Educação e que circularam entre professores e estudantes de graduação e de pós-graduação, retirando-se, em algum momento, para as prateleiras do depósito, ou da “sala interna”, se seguirmos a nomenclatura adotada na catalogação dessas obras no Sistema de Bibliotecas da universidade, aponta para um dos traços do momento inicial

3 Participaram da curadoria da exposição os professores André Luiz Paulilo, Ana Maria Fonseca de Almeida e Heloísa Helena Pimenta Rocha.

de constituição do acervo, que o caracterizava como um acervo “escolar”, composto para ser utilizado pelos estudantes, como bem observou a funcionária da Biblioteca Central que, em seu despacho, indicava tratar-se de “textos adotados”.

Além das mudanças de orientação teórica derivadas da produção do conhecimento na área de Educação, os deslizamentos entre um modelo de formação calcado em um corpus delimitado de textos de referência – visível nos processos de compra de livros de 1974 – e um modelo em que se cruzam múltiplas referências, definidas a par da consolidação de diferentes linhas de pesquisa, podem apontar algumas respostas para se pensar o desuso, nas práticas de formação, a que foram condenados livros como os de Julián Mariás e de Ernst Cassirer, que mobilizaram a administração e que consumiram recursos da Universidade no segundo semestre de 1974. Títulos que se incluem entre os que abarrotavam o depósito e cujo destino recai como indagação sobre os ombros da comissão de biblioteca.

4 Terceiro movimento: das comemorações para a pesquisa

O mergulho nos arquivos da Universidade, que possibilitou localizar o processo em torno do qual se articulou a organização da exposição comemorativa de 40 anos da Faculdade de Educação, permitiu levantar outros processos de aquisição de livros. As listas presentes nos primeiros conjuntos documentais examinados permitiram observar o peso que assumiram as áreas de Psicologia, Filosofia, Administração e Sociologia nas compras, por meio das quais se constituiu o acervo, em seus primeiros momentos. Passadas as comemorações, iniciou-se um projeto pelo qual, com o trabalho de bolsistas⁴, continuamos a rastrear os processos, na busca pela composição de um mapeamento das compras, em paralelo com o levantamento dos dados sobre a existência desses livros no acervo da biblioteca.

A realização da exposição, como parte das comemorações dos 40 anos da FE, que trouxe para o centro da cena velhos livros que, pacientemente, viviam a espera da partida, evidenciou o potencial do projeto, uma vez que oportunizou a discussão sobre a formação de educadores em perspectiva histórica, associada a uma reflexão sobre a política de desenvolvimento das coleções da biblioteca. Alguns dos professores da Faculdade que visitaram a exposição puderam se recordar de situações de uso desses livros. Uma docente se lembrou da carta que recebera, quando de sua aprovação no processo seletivo para a pós-graduação, que lhe orientava sobre os trâmites de matrícula e que informava que deveria comparecer, no primeiro dia de aula, com os dois livros lidos. Um professor aposentado expressou o seu contentamento em reencontrar livros

4 O estudante do curso de Física, Carlos Donizete Pereira, contemplado com bolsa do Serviço de Apoio ao Estudante, responsabilizou-se pelos levantamentos junto ao Arquivo Central. Mais recentemente, o projeto tem contado com os trabalhos da bolsista Betânia Rodrigues, também estudante do curso de Física, que tem se debruçado sobre documentos reunidos no Arquivo Setorial da Faculdade de Educação.

com os quais convivera intensamente, tanto em sua formação quanto na docência.

O projeto de levantamento dos processos de aquisição dos primeiros livros para a jovem Faculdade partiu desse primeiro movimento e teve como propósito qualificar a interlocução sobre os destinos que deveriam ser dados a esses e a outros livros, a par de um estudo histórico da constituição do acervo da biblioteca. Na mesma direção, caminhou o trabalho de conclusão de curso de graduação desenvolvido por Franciele Amaral, sob a orientação do prof. André Paulilo, que examinou os 19 processos de compra de livros referentes ao período entre 1972 e 1976, interrogando os significados do acervo da Faculdade de Educação em seus vínculos com a formação oferecida nos cursos de Licenciatura e de Pedagogia⁵. A análise dos processos que respondem pela aquisição de aproximadamente 2.000 livros permitiu à estudante observar os caminhos pelos quais se foi compondo um acervo voltado para a formação de educadores, num momento em que a nascente Faculdade não tinha prédio próprio, constituindo-se, a sua biblioteca, em uma seção da Biblioteca Central. Seu estudo oferece elementos, nesse sentido, para pensar a aquisição dos livros, suas relações com a história institucional da Faculdade de Educação e com o modelo de formação experimentado naquele momento, pondo em cena vestígios do perfil dos cursos que se instituíam. Entre os seus achados de pesquisa, destaca-se o peso assumido na formação pela disciplina Psicologia.

Composto por um amplo leque de títulos, adquiridos em diferentes momentos, com recursos oriundos de distintas fontes e segundo critérios variados, e também por meio de doações, o acervo hoje disponível na biblioteca instiga a uma reflexão sobre as ênfases assumidas nos projetos de formação dos educadores em diferentes momentos históricos. Ao mesmo tempo, convida a atentar para as marcas de leitura deixadas nesses livros, as quais podem oferecer importantes indícios sobre o lugar por eles ocupado nas práticas pedagógicas instituídas na Faculdade de Educação. O levantamento e o exame desses livros podem, ainda, trazer elementos significativos para a compreensão do processo de constituição do acervo, em paralelo com os projetos de formação de professores, a par do cruzamento desse conjunto de dados com os programas das disciplinas ministradas. Tal cruzamento poderá dizer o papel do corpo docente nas ênfases que vão sendo assumidas pelo acervo, bem como nos deslocamentos em relação a essas ênfases, fazendo falar os distintos projetos de formação em disputa, tanto em esferas mais amplas, que incluem o campo da Pedagogia e as políticas educacionais, quanto no interior da própria faculdade.

5 AMARAL, Franciele F. *Livros para ensinar: a formação do acervo da Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

5 Quarto movimento: de depósito a lugar de pesquisa

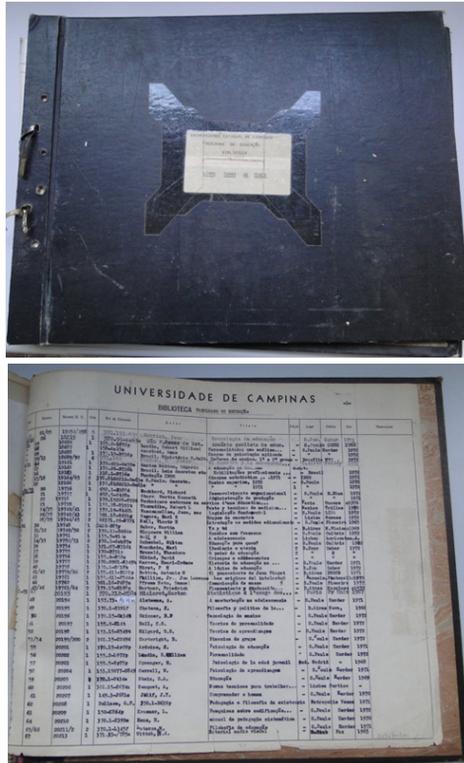
O estudo da coleção foi gerando o desejo de constituirmos um acervo histórico, por meio da separação do acervo corrente de um exemplar daqueles livros que o exame das listas constantes nos processos foi trazendo à tona. Em meio a esse trabalho, nasceu um novo projeto: a redefinição do espaço da biblioteca pela transformação da área do depósito – não-lugar, porto de passagem para numerosos livros – em um espaço destinado às atividades de pesquisa, reunindo o Centro de Memória da Educação e a Coleção Especial Maurício Tragtenberg. Projeto este configurado no contexto de um movimento mais amplo da direção da Faculdade, com vistas a alocar, junto à biblioteca, setores ligados à informação e ao suporte à pesquisa.

Esse movimento de redefinição do espaço exigiu um esforço de desmontagem do depósito, acompanhado da abertura das caixas de documentos da coleção Maurício Tragtenberg e do tratamento da documentação, para o que fomos socorridos pela equipe do Arquivo Edgard Leuenroth⁶. Como um trabalho arqueológico, essa operação fez emergirem alguns objetos, como a antiga campainha, a guilhotina e um tesouro de capa verde que, numa bela manhã, brilhou diante de nossos olhos, repousando em uma velha caixa de papelão. Um tesouro que imprimiu novos rumos aos trabalhos de levantamento dos processos de constituição do acervo: três livros tombo, dois deles de registro de livros e um de teses. Reunindo dados sobre autor, título, data de publicação, edição, número de exemplares e entrada na biblioteca, os livros tombo permitiram localizar a entrada dos primeiros títulos, que antecedem aos processos de compra de 1974 e 1975, localizados por ocasião da organização da exposição, como evidenciou também o trabalho de garimpagem efetuado no Arquivo Central por Franciele Amaral.

Figura 3 – Livros tombo da biblioteca da Faculdade de Educação



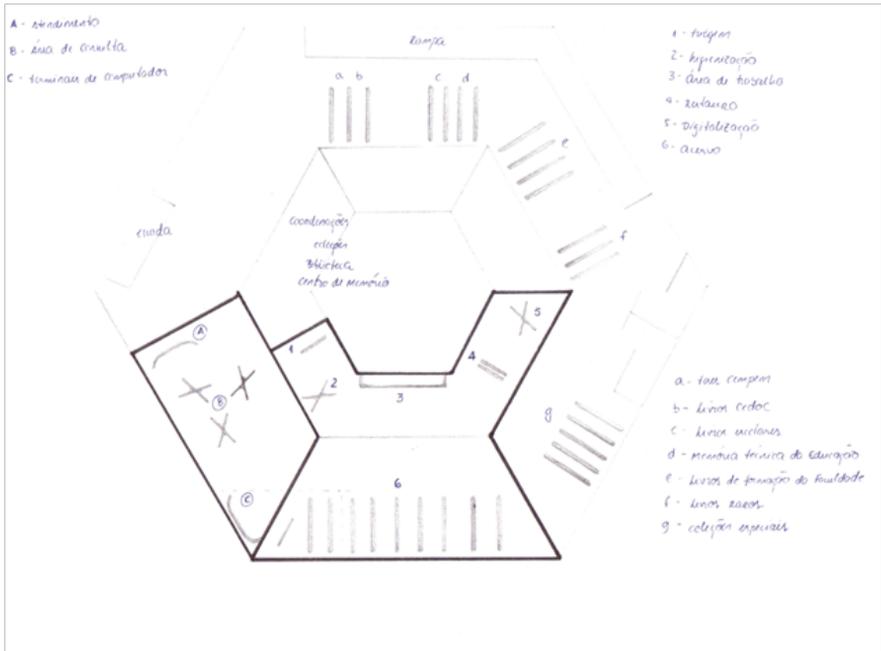
⁶ Atuaram nas atividades ligadas ao tratamento dessa documentação as estudantes do curso de Pedagogia Letícia Moreira, Nathalia Piton, Mayara Santos e, por um período mais curto, o estudante do curso de Ciências Sociais Angelo Bueno, todos bolsistas do Serviço de Apoio ao Estudante. Cabe registrar a relevância da parceria com o Arquivo Edgard Leuenroth no desenvolvimento desse trabalho.



Fonte: Arquivo da Comissão de Biblioteca (Gestão 2012-2016).

O registro dos dados contidos nos dois livros, que cobrem até a década de 1990, permite hoje um mapeamento da dinâmica de constituição do acervo da biblioteca da Faculdade, oferecendo elementos para levarmos adiante a indagação sobre as permanências e as mudanças nas feições do acervo da biblioteca, bem como sobre as ênfases assumidas em diferentes momentos. Tais registros podem se constituir em rico material para a discussão sobre a formação de professores que tem lugar na Faculdade de Educação, sobretudo quando lido em paralelo com os planos das disciplinas oferecidas pelos professores que têm passado pela Faculdade. Operação para a qual ainda precisamos de fôlego, uma vez que, paralelamente a tudo isso, nos lançamos ao desafio de construção desse novo espaço que hoje ocupa o antigo lugar de espera dos livros que foram sendo separados da coleção.

Figura 4 – Esboço do projeto de reorganização do último piso da biblioteca, elaborado, em colaboração, entre as coordenações do Centro de Memória da Educação (CME) e da Comissão de Biblioteca, com destaque para a área do CME, anteriormente ocupada pelo depósito. O espaço identificado pela letra “e” deverá ser destinado a abrigar o acervo histórico.



Fonte: Arquivo da Comissão de Biblioteca (Gestão 2012-2016).

6 Último movimento: um tesouro e inúmeros desafios para a vida institucional: *trouxeste a chave?*

Registrando as formas de entrada dos livros no acervo, que incluem tanto as compras quanto as doações, o número de exemplares, a data de entrada, os livros de tomo, esse valioso instrumento localizado no antigo depósito, têm oferecido elementos para irmos, aos poucos, mapeando os projetos de formação, pela via da constituição do acervo. Evidentemente, esse tipo de mapeamento não dá conta de responder sobre as práticas de formação e sobre os usos efetivos desses livros no cotidiano dos cursos oferecidos pela Faculdade, tampouco permite uma leitura que dê conta de responder sobre os perfis de educadores formados nessa Faculdade, no entrecruzamento entre os projetos que atravessam os textos legais, os distintos anseios dos docentes e as

expectativas dos estudantes.

Em meio aos expurgos que foram acompanhando o processo de informatização, provavelmente, já não encontraremos as fichas de empréstimo dos livros. Em seu lugar, multiplicam-se as indagações. Que lugar terá sido reservado a esse dado nos sistemas informatizados? Será possível ainda sabermos até quando os livros de Julián Marías e Ernst Cassirer, por exemplo, circularam, foram emprestados, lidos, apoiaram a formação dos educadores? Quiçá, o exame dos programas de curso possa trazer mais respostas e alentar a nossa discussão sobre o quê e sobre como preservar o que sobrou daquilo que, em algum momento, foi central na formação que se oferece no âmbito da Universidade e, em particular, da Faculdade de Educação. Uma coisa é certa: mostra-se fundamental repensar os processos de baixa patrimonial dos livros, concebida, no âmbito das rotinas da administração, como simples operação de descarte de “objetos obsoletos” ou “bens inservíveis”. Exemplar, nesse sentido, é a normativa da Diretoria Geral de Administração, de abril de 2007, atualizada em 2012, que prevê a necessidade de se excluir das estantes das bibliotecas universitárias “materiais com conteúdos obsoletos ou em desuso, bem como, os danificados”, definidos como “bens inservíveis”, que já teriam cumprido sua “vida útil” (INSTRUÇÃO DGA nº 58/07).

Não é descabido pensar que, deslocados dos ritmos que justificaram a sua aquisição, esses livros apresentam um grande potencial para a pesquisa acadêmica, podendo oferecer importantes elementos para se pensar os projetos de formação ensaiados pela Faculdade, as disputas entre projetos distintos, a presença e a corrosão de determinadas disciplinas ou áreas do conhecimento no interior de tais projetos, inserindo, assim, a biblioteca e seu acervo em uma agenda de pesquisa que considere a dimensão da sua própria constituição e os seus vínculos com os projetos de formação profissional.

Para finalizar, chamo em meu auxílio o historiador Robert Darnton, em sua inquietante indagação sobre o futuro das bibliotecas de pesquisa e sobre as formas como podemos nos preparar para ele. Buscando lidar com essa interrogação, Darnton sugere a importância de lançar um olhar para o passado e nos põe diante de uma fantasia futurista. Trata-se da obra utópica publicada por Mercier, em 1771, sob o título *O ano 2440*. Segundo conta Darnton:

Mercier cai no sono e acorda na Paris que existirá sete séculos depois de seu nascimento, em 1740, e se vê numa sociedade livre de todos os males do Ancien Régime. No capítulo culminante do primeiro volume, ele visita a biblioteca nacional. Imagina que vai encontrar milhares de volumes esplendidamente organizados, como na Bibliothèqne du Roi de Luís XV. Porém, para sua surpresa, encontra apenas uma sala modesta com quatro estantes pequenas. Ele pergunta o que aconteceu com a quantidade enorme de material impresso acumulado desde o século XVIII, quando já havia se tornado impossível de gerenciar. Queimamos tudo, responde o bibliotecário: 50 mil dicionários, 100 mil livros de poesia, 800 mil volumes de legislação, 1 milhão e 600 mil livros de viagem e 1 bilhão de romances. Uma comissão de virtuosos leu todos os livros, eliminou o que era falso e resumiu tudo à sua essência: algumas verdades e preceitos morais básicos, que cabem sem dificuldade nessas quatro estantes. (DARNTON, 2010, p. 60-61).

Darnton segue discorrendo sobre o sonho de Mercier que, diga-se de passagem, não defendia a queima de livros, mas que, antes, procurava expressar um sentimento presente em sua época e que, talvez, ainda acompanhe nossas indagações e nossos temores sobre o destino dos livros; em nosso caso, de livros de formação desterrados em um espaço de espera:

Mercier foi um defensor militante do Iluminismo, crente fervoroso da palavra escrita como agente do progresso. Não defendia a queima de livros. Mas sua fantasia expressava um sentimento que já era forte no século XVIII e agora se tornou uma obsessão – a sensação de se estar sobrecarregado de informações, impotente perante a necessidade de encontrar material relevante em meio a uma montanha de futilidades. (DARNTON, 2010, p. 61).

Enfim, finalizo essas reflexões com um convite para retornarmos ao ponto de partida: o depósito de uma faculdade de educação no qual repousavam, não se sabe muito bem há quanto tempo, inquietos livros, suspeitos de obsolescência, acusados de oferecer “informação desatualizada” e de ocupar espaço nas estantes, ávidas pelas novidades da ciência pedagógica. Nesse retorno ao depósito, chegamos em companhia de Darnton, que nos propõe uma instigante indagação para pensarmos o futuro dos livros e das bibliotecas: seria uma solução para esse duplo impasse – a sobrecarga de informação e a impotência para encontrar material relevante – investirmos em uma biblioteca sem livros?

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. Procura da poesia. In: _____. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

AMARAL, Franciele F. **Livros para ensinar: a formação do acervo da Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de Sociologia: pequena introdução ao estudo de Sociologia Geral**. 11. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

BRIGGS, Leslie J. **Manual de planejamento de ensino**. São Paulo; Rio de Janeiro: Cultrix: FENAME, 1976.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

CASTRO, Amélia Domingues de e. al. **Didática para a escola de 1º e 2º graus**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

CHINOY, Ely. **Sociedade**: uma introdução à Sociologia. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

DARTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EBY, Frederick. **História da educação moderna**: teoria, organização e práticas educacionais. 2. ed. Porto Alegre, RS: Globo, 1976.

ETZIONI, Amitai. **Análise comparativa de organizações complexas**: sobre o poder, o engajamento e seus correlatos. Rio de Janeiro; São Paulo: Zahar; Editora da USP, 1974.

GAGNÉ, Robert. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro; Brasília: Livros Técnicos e Científicos; INL, 1971.

GARCIA, Walter E. (Org.). **Educação brasileira contemporânea**: organização e funcionamento. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

HOLLAND, James G.; SKINNER, B. F. **A análise do comportamento**. São Paulo: Editora da USP; EPU, 1969.

HUBERT, René. **História da pedagogia**. 3. ed. São Paulo; Brasília: Nacional; INL, 1976.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 12. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Melhoramentos: FENAME, 1978.

MARIAS, Julián. **Antropologia metafísica**: a estrutura empírica da vida humana. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

MARROU, Henri Irene. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo; Brasília: INL; EPU, 1975.

MORRISH, Ivor. **Sociologia da educação**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EDUSP; EPU, 1974.

OLIVEIRA, Alaide Lisboa de. **Nova didática**. 4. ed. Rio de Janeiro: FENAME: Edições Tempo Brasileiro, 1978.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean; SZEMINSKA, Alina. **A gênese do número na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **O desenvolvimento das quantidades físicas na criança: conservação e atomismo**. 2. ed. Rio de Janeiro; Brasília: Zahar; INL, 1975.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Instrução DGA nº 58/07, de 19 de abril de 2007. Dispõe conceitos, abrangência e estabelece procedimentos para baixa patrimonial de materiais bibliográficos em suportes variados. (Atualizada em 03/02/2012).

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Processo SIARQ nº 3447/1974.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Regimento da Faculdade de Educação**. s/d.

VIANNA, Heraldo. **Testes em educação**. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: IBRASA; FENAME, 1976.

Recebido em: 25/09/2016
Aprovado em: 13/06/2017